



ENTREVISTA **WAGNER VICTER**, DIRETOR DA ALERJ E EX-PRESIDENTE DA CEDAE

Ex-presidente da Cedae fala das consequências do leilão

OCTÁCILIO BARBOSA / DIVULGAÇÃO ALERJ

Atual diretor da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), Wagner Victer é engenheiro, administrador, ex-secretário de Estado de Energia, Indústria Naval e do Petróleo e ex-secretário estadual de Educação, ex-presidente da Faetec. Victer foi presidente da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), onde ficou por oito anos. “É lícito ressaltar que a sociedade vai perder muito com a privatização da Cedae, pois as tarifas irão aumentar. Um bom exemplo dessa estratégia equivocada é que governos liberais como São Paulo, o Dória, não fala em privatizar a Sabesp, e o Romeu Zema, em Minas, também não fala em privatizar a Copasa, suas estatais de saneamento”, comentou Victer nesta entrevista ao jornal **O DIA**. Com sua experiência na área de petróleo e gás, ele alerta que “devemos explorar melhor nessa área o desenvolvimento de parques tecnológicos. Temos que atuar em eventuais retomadas, em bases competitivas da Indústria Naval Fluminense e também no desenvolvimento de centros, e voltados à energia renovável”.

■ O senhor foi presidente da Cedae. Quais as consequências do leilão da companhia?

● Estranhei profundamente a modelagem feita pelo BNDES para a Concessão do Saneamento, pois dividiu o estado em 4 regiões, algumas delas dentro do mesmo município, colocando uma situação a qual no futuro irá acontecer, como bairros na capital, com diferentes tarifas. Outro aspecto é que as tarifas vão aumentar muito para o consumidor final, pois é impossível para concessionárias privadas, que perderão imunidade tributária federal disponível a estatais, como a Cedae. Ao mesmo tempo, se simula pagar valor elevado de outorga e ainda ter que fazer R\$ 30 bilhões de investimentos, o que acho um tremendo factóide, o que impedirá, por pura matemática financeira, manter o processo tarifário atual. Um exemplo dessa estratégia equivocada é que governos liberais como São Paulo, o Dória, não fala em privatizar a SABESP, e o Romeu Zema, em Minas, também não fala em privatizar a COPASA, suas estatais de Saneamento. Em municípios da Baixada Fluminense e São Gonçalo, onde a Cedae não cobra a tarifa de esgoto, posso cravar que os consumidores terão um aumento em sua conta de 100% em curto prazo.

■ Os funcionários da Cedae estão temerosos que 4 mil trabalhadores possam ser demitidos. Este temor faz sentido?

● Na realidade, não é um mero temor, pois já foi anunciado a sua desmobilização e esse impacto social é extremamente preocupante para o nível de desemprego que temos no Rio de Janeiro, não podendo ser agravado ainda mais, inclusive com profissionais de grande



Tarifas vão aumentar muito para o consumidor final”



O petróleo é extremamente alavancador das atividades econômicas do estado”



experiência e qualificados.

■ A população tem se assustado muito com notícias de contaminação da água por geosmina. Como resolver este problema?

● Geosmina não é jabuticaba exclusiva da Cedae. É algo errado, porém acontece em diversos locais do país e do mundo. Eu mesmo, que tenho casa na Região dos Lagos, já tive contato com a geosmina e lá é uma concessionária privada. Existe uma operação técnica com procedimento formal que aprovei, quando presidente, para chegar ao consumidor final, e que parece que não foi feita na primeira crise, por erro ou por omissão. O caso ocorre, pois os rios Ipiranga, Poços e Queimados, que fazem a contribuição para bacia da captação da estação, são rios e onde o tratamento de esgoto não é atribuição da Cedae, e onde ela sequer tem contratos para isso.

■ O senhor é engenheiro, egresso da Petrobras, pleno conhecedor da cadeia de petróleo e gás. Qual a saída econômica para o Rio?

● O Rio tem uma diversidade econômica muito ampla, mas a questão do petróleo e gás é relevante, não só por sermos a sede das principais empresas de petróleo, mas especialmente por termos as maiores reservas da Bacia de Campos e também na Bacia de Santos. Devemos buscar melhor explorar nessa

área o desenvolvimento de parques tecnológicos. Temos que atuar em eventuais retomadas, em bases competitivas da Indústria Naval Fluminense e também no desenvolvimento de centros, e voltados à energia renovável. O petróleo é extremamente alavancador das atividades econômicas do Estado, e não tenho a mínima dúvida que as empresas estarão atentas para esse momento, que é um muito importante para o Brasil e que, portanto, requer também ação firme dos órgãos reguladores como ANP e AGENERSA. As estratégias de desenvolvimento estabelecidas por diversos países na questão do pós-Covid, leva à reflexão de novas posturas, já que juntos com a grande crise da saúde que estamos vivendo, estamos vivendo a grande crise dos empregos.

■ O que o Rio precisa fazer para superar este difícil momento de luta por recuperação fiscal, financeira e econômica?

● O Rio tem locais e polos importantes para o desenvolvimento. Tenho pensado e estou modelando, como cidadão e engenheiro que atuou no setor de desenvolvimento, um novo “hub” que é uma Central de Desenvolvimento, relacionado ao gás natural, com gasoduto marítimo, vindo da Bacia de Santos e entrando na Baixada Fluminense, via Itaguaí, onde há muito poten-



É fundamental união de esforços para melhorar logística de acesso do Porto do Açu”

cial ainda para colocação de termelétricas, planta de fertilizantes, condomínios industriais, ao longo do Arco Metropolitano e plantas de derivados do Petróleo e de Petroquímicos, que podem ser oriundos em uma unidade de produção de gás natural e até para potencialização do processo siderúrgico local, denominado HOT Bricket Iron.

■ Você foi responsável pela concepção de diversos projetos que hoje são realidade no Rio de Janeiro, como Porto do Açu. Como você vê esses novos potenciais?

● Porto do Açu é um dos projetos que me orgulho muito de ter concebido e de ver a realidade acontecer. Talvez seja o grande alavancador do desenvolvimento do norte do estado, que reduz suas atividades à medida que as produções saem da Bacia de Campos para a de Santos. É fundamental união de esforços para melhorar a logística de acesso do Porto do Açu, chegando um ramal ferroviário e evitando que o Porto do Açu não comece a ser dilapidado em suas funções para se transformar em corredor de commodities de outros estados, como os do Centro Oeste e até de Minas que não agregam nada em empregos e tributos ao Rio e até algumas loucuras, como querer exportar soja pelo Porto, sendo trazidas de caminhões gerando tráfego não desejado em estradas do estado.

O DIA Online As mais lidas

EXCLUSIVO Restaurante de Fernanda Gentil encerra as atividades

FÁBIA OLIVEIRA

Anitta mais uma vez mostra ser sem noção.

FÁBIA OLIVEIRA

Morre ex-integrante do Menudo

FÁBIA OLIVEIRA

Um dos principais traficantes do eixo SP-RJ é preso na Barra da Tijuca.

RIO DE JANEIRO

O DIA

A QUALQUER HORA, EM QUALQUER LUGAR.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo.

